

# Como prova do meu amor, te ofereço o que não tenho<sup>1</sup>

Daniel Ohlweiler Ritzel<sup>2</sup>

O amor. Inspiração nas artes, filosofias e religiões. Fonte de regozijo e contentamento. Dos descompassos e dos desencontros. Do amor se fala, se conta, se canta e se encanta. O amor fascina e faz sina. E é justamente porque o homem goza do amor e principalmente porque ele padece do amor, que ele faz poesia, música, pintura, escultura, cinema e psicanálise.

Falar de amor, de seus fracassos, seus impasses e seus desarranjos, é o que mais se fala na clínica. A realização do amor, ou melhor, a realização no amor, uma das maiores aspirações, é também uma das principais fontes de sofrimento.

O amor e a sexualidade ocupam lugar de destaque, não apenas nas queixas dos pacientes, mas também no âmago da teoria psicanalítica. A metapsicologia freudiana é uma teoria que se ancora na desarmonia estrutural entre a cultura e a sexualidade e na desarmonia estrutural da própria sexualidade. É em torno dela e, mais especificamente, em torno das relações entre os sexos que gravita o essencial da clínica psicanalítica. Nossa clínica não é a clínica do par perfeito. É a clínica do ímpar, daquilo que não faz par, daquilo que não forma Um.

A tão almejada completude que os seres falantes desejam e esperam encontrar pela via do amor nunca é achada, simplesmente, porque não há. Lacan destaca essa impossibilidade ao pronunciar a polêmica frase “il n’y a pas de rapport sexuel” - não há relação sexual -, um dos seus mais famosos algoritmos. Esse

---

1 Texto apresentado no V Encontro Latino-Americano da Comissão de Vínculos, Família e Casal da FEPAL em Porto Alegre em julho de 2013.

2 Psicólogo e psicanalista.

aforismo, um tanto enigmático, sugere, no mínimo, que as categorias de homem e mulher ou de feminino e masculino, que poderiam entrar “em relação”, não são realmente complementárias e que não há uma naturalidade desejante correspondente à anatomia diferencial dos corpos.

O termo pulsão, empregado por Freud para designar o que é específico da sexualidade humana, serve para demarcar uma ruptura entre a nossa sexualidade e a dos outros animais, cujo comportamento sexual é determinado pela biologia, pelo instinto. A sexualidade humana é desnaturalizada por estrutura, uma vez que aquilo que havia de instintual foi subvertido a partir da entrada no registro do simbólico. Sendo assim, o ser humano é marcado por uma opacidade sexual, expressão utilizada por Lacan, para designar que não há inscrição de uma relação ou de uma proporção entre os sexos no inconsciente. Há sim um significante da diferença sexual e das posições (o falo), mas não um significante de um ou de cada sexo.

Sobre a pulsão e sua relação com os objetos, sua característica é ser anobjetal. Não existe um objeto pré-definido para o qual ela deva dirigir-se a fim de buscar satisfação. Há, portanto, uma ruptura entre a ordem do humano e a ordem da natureza, motivo pelo qual o desejo humano não encontra correspondente no mundo natural. Porém, dizer que não há o objeto específico do desejo não significa que não haja uma infinidade de objetos que causam desejo. Mas nenhum desses objetos é Aquele, que se existisse — ah!, se ele existisse...

A ausência da relação sexual é um preceito básico para a psicanálise. A existência dela é uma crença pré-freudiana sobre a sexualidade. É somente com a perda do objeto que seria aquele correspondente ao objeto da necessidade no reino animal, que tanto o objeto da pulsão quanto os objetos de amor e de desejos poderão se constituir como seus substitutos.

Em meio a um sexo perdido e a uma nova sexualidade, a humana, marcada pela pulsão e pelo desejo, e distinta da sexualidade instintiva, abre-se a possibilidade para a mais profunda, a mais radical, a mais enigmática das relações entre os sujeitos, o amor. Portanto, a falta original daquele objeto radicalmente perdido que, se existisse, faria a relação sexual possível, dá origem a um profundo e permanente anseio. No entanto, conseguirá o amor suprir a falta inerente ao campo sexual?

Embora a relação sexual não seja possível, essa impossibilidade não impede que o sujeito continue acreditando que possa obter a sonhada união. O amor é

uma tentativa de resposta exitosa à falha inerente ao desejo, pois ele não admite essa falha, ele quer preenchê-la a todo custo. O amor é o que vem em suplência à ausência da relação sexual, afirma Lacan (1985 [1972-1973]). Mais uma frase enigmática do psicanalista francês.

Como a linguagem, o amor, em sua vertente simbólica, revela um esforço, sempre precário, de fazer frente ao real da falta. No entanto, se por meio do amor o sujeito crê ter atingido a completude, essa ilusão mostrar-se-á efêmera. Se, por um lado, o encontro entre os amantes proporciona um apaziguamento ao supor restabelecer a integridade narcísica, por outro, implica sempre um efeito de logro. Basta amar para que o amor revele o que tem por função velar.

Embora a versão do amor como procura da completude tenha atravessado milênios e persista até hoje, a verdade é que no cerne, no coração de todo o vínculo amoroso, o sujeito se depara inevitavelmente com um encontro faltoso. Primeiro, porque esse objeto eleito é efetivamente Outro, e a todo instante fornece indícios de sua alteridade, aniquilando gradativamente a ilusão de qualquer complementaridade. Segundo, porque o desejado objeto que supostamente tampenaria a falta está radicalmente perdido. Na realidade, ele nem sequer existiu.

O sujeito, procurando a parte que lhe seria complementar, encontra outra coisa. Encontra apenas um objeto suplementar. Se o amante se lança ao amado em busca do que lhe falta, supondo que este guarda em si justamente o objeto do qual carece, sua busca fracassará, já que o que falta a um não é o que existe escondido no outro. É como se no final do baile, ao apagar das luzes e ao cair das máscaras, não fosse ele, tampouco fosse ela.

No amor-paixão, inscrito no plano das relações especulares, as imagens do eu e do outro confundem-se. Qualquer particularidade do outro tende a ser apagada para que se mantenha a fantasia de que de dois se faz um. Nos enamoramos apenas por confundir o parceiro com um ideal saído de nossas fantasias - e estaríamos querendo que ele, coitado, coincida com essas miragens.

O palco da psicopatologia amorosa da vida cotidiana torna-se ainda mais danresco quando começamos a computar a distância entre nosso eleito e o ideal que lhe outorgamos. De repente, o engano nos parece ser uma artimanha do outro; é ele que deveria se restaurar para voltar a ser o ideal que inspirava nosso amor.

O amor é prepotente: idealizamos o outro e acreditamos firme que ele ou ela se emendarão. Somos convencidos de que não apenas sabemos o que é melhor para o amado, como também que ele é portador de todos os atributos que nossa paixão lhe concede. E fantasiemos, num segundo momento, que os traços inexistentes que nossa idealização produziu venham a ser adquiridos pelo amado em virtude do nosso sentimento.

Uma decepção atroz aguarda quem mantém essa esperança. O encanto do começo transforma-se, assim, numa lista inesgotável de pequenas ou grandes demandas. Tudo o que pedimos ao ser amado (que ganhe mais, que seja simpático com nossos amigos, que nos acorde com um sorriso, que pare de roncar ao nosso ouvido, que leia Freud no alemão, que não tarde em responder nossas mensagens de *whatsapp*) é apenas um derivativo que passa a ser liquidado. Pleiteamos a volta do que foi pela realidade corroído: o encanto pelo qual enxergávamos nosso ideal no ser amado. Queixamo-nos como se a ausência da relação sexual fosse o resultado de uma escolha infeliz e a escolha certa ainda estivesse por vir.

Mas será a decepção o único efeito dos sonhos com os quais embelezamos nossos objetos de amor? Será que o amor, em última instância, só nos frustra?

Certamente não. Se assim fosse, o que restaria à psicanálise senão conformar-se em transformar a miséria neurótica em *infelicidade banal*? Porém, apenas quando a paixão, mergulhada em suas fantasias, sofre as primeiras decepções é que o amor tem chances de se instaurar. De fato, as fantasias do início de uma relação apaixonada não concedem existência própria ao outro, o qual se torna um representante da possibilidade de recuperação da onipotência de “Sua Majestade O Bebê”. Mas passado esse momento de felicidade plena, a paixão amorosa tem de reviver a decepção infantil de deixar a condição de único no desejo da mãe. Dessa decepção revivida na paixão amorosa, o outro pode ganhar vida própria, corpo e existência para além das minhas produções imaginárias. Só assim o apaixonado pode descobrir que, dessa decepção revivida, pode nascer o amor. Claro, se ele conseguir suportar a decepção fundamental de não formar um todo indissociável com o objeto.

Portanto, não se trata de encontrar o parceiro ideal, pré-destinado, característico do estado de enamoramento. Os casais que se amam de paixão, cujos parceiros parecem ser feitos um para o outro, em regra, acabam tentando se matar (seja simbólica ou efetivamente). Uma atmosfera paranoica instaura-se, pois, se

o outro me completa e vice-versa, o risco é que nenhum de nós sobreviva à nossa união - ao menos, não como ente separado e distinto.

Novamente: quem nos ama vê em nós alguma qualidade ideal de que, de fato, não dispomos. É inevitável que o equívoco seja desfeito um dia. O que importa é que, de qualquer forma, as expectativas do amado poderão servir como dispositivo de nossa reinvenção.

Costumo dizer que há três coisas potencialmente transformadoras na vida de alguém: um grande amor, uma grande dor ou uma psicanálise. E somos sempre autores de nossas reinvenções graças a algum outro que espera de nós algo grandioso. Uma criança constitui-se subjetivamente alimentada pela expectativa amorosa de suas figuras parentais. Por exemplo: Joãozinho, desde cedo, apresenta um marcante gosto pelo desenho. Mostrado um certo talento, declara a mãe: “Joãozinho é o nosso Picasso”. Mesmo que um dia Joãozinho troque seu *hobbie* por algum outro, resta que, se aprendeu a traçar belas figuras, se a arte passou a fazer parte de sua vida e mesmo se ele cresceu confiando em seus outros talentos, tudo isso foi graças ao sonho da mãe que olhava para ele e via Picasso reencarnado. Se nossa neurose é branda, o modelo continua valendo pelo resto de nossos dias: mudamos graças ao amor de quem nos idealiza e, assim, estimula-nos a mudar. O amor é o motor de quase todas as transformações. Quando dois universos simbólicos se tocam, se interpenetram, se potencializam, a paixão pode se tornar aliada do amor.

No entanto, por mais ameaçadora que seja, a paixão amorosa é uma tentação irresistível por uma simples razão: nas narrativas de nossa cultura, ela é o protótipo ideal da experiência plena, da vida intensamente vivida. Porém, a festa do gozo permanente, tão alardeada como possível em nossos tempos hipermodernos, não é censurada, vetada, nem restrita aos mais espertos. Ela, assim como a relação sexual, é simplesmente impossível de se realizar.

Dentro desse contexto, amar poderá ser sentido como uma ameaça, pois reintroduz a evidência da falta. Indubitavelmente, para que um sujeito se lance à experiência do amor, é preciso que alguma renúncia genuína tenha ocorrido. Uma renúncia que parte não da supressão do desejo, mas do contato com ele e da constatação da impossibilidade de sua realização plena. Ser sujeito desejante implica, num primeiro momento, o reconhecimento do desejo e, num segundo momento, o relançamento do que não se realizou em novas aspirações.

Enquanto a paixão visa ao outro como objeto, o amor como metáfora (na medida em que essa figura de linguagem caracteriza-se pela produção de uma nova significação, através do processo de substituição) está para além da fascinação imaginária e parece uma alternativa feliz para o beco sem saída da paixão em seu estado narcísico. O amor como metáfora (ou como dom ativo, tal qual Lacan também refere) não abre mão da paixão, mas sabe transformar seu impossível em possibilidade de criação. Trata-se de um amor que se inscreve no regime da diferença. Em sua face simbólica, é situado, não no objeto, mas naquilo que o objeto não tem.

Amar genuinamente é amar um ser para além do que ele parece ser. A demanda de amor não se dirige a nada do que o outro possa ter, dirige-se ao “não ter” do outro. Dirige-se ao outro em seu despojamento e requer do outro a assunção desse despojamento. O que se ama está para além do objeto. E o que estaria nesse além senão a própria falta?

Sim, para amar, é necessário reconhecer, confessar nossa falta-a-ser, cerne de toda a experiência analítica, e doá-la ao outro. Não é dar o que se possui: é dar algo que vai além de si mesmo. Oferecemos o que não temos e que o amado não quer e não nos pede. Independente das leituras que se possa fazer desse aporte, ele é certamente o oposto da miséria amorosa ordinária, em que amar significa pedir ao outro o que a gente quer. Ou, pior ainda, pedir-lhe aquela “coisa” que a gente precisa.

## **FONTES CONSULTADAS**

ALLOUCH, J. **O amor Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

FERREIRA, N. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LACAN, J. **O seminário: livro 20: mais, ainda**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. **O seminário: livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

QUINET, A. I can get, yes, satisfaction. In: \_\_\_\_\_. **O amor e suas letras**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011, p. 28-32.